



ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Viviane Favaro Notari¹

RESUMO: Este trabalho busca compreender as práticas escolares de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental, a partir da análise de erros ortográficos presentes em enunciados escritos por crianças em processo de aquisição ortográfica. Para cumprir com o objetivo proposto, analisamos 63 enunciados escritos por alunos do sexto ano do ensino fundamental, coletados em uma escola pública, na cidade de Maringá-PR. A partir disso, investigamos a influência do entrelaçamento de práticas de oralidade e letramento no aparecimento das ocorrências ortográficas não convencionais. Logo, com base nos registros ortográficos não convencionais, analisamos as práticas escolares de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, enfatizando o desenvolvimento do letramento escolar. Pudemos, então, constatar que os registros não convencionais recebem influência da circulação dos escreventes por práticas sociais de oralidade e letramento. Com isso, os professores de Língua Portuguesa precisam reformular suas práticas para obter resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição ortográfica. Ensino e aprendizagem. Enunciados escritos.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como temática principal a aquisição ortográfica e o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no ensino fundamental. A escolha desse assunto se dá por acreditarmos que o aparecimento, ou não, de registros ortográficos não convencionais pode ser influenciado pelo contato das crianças com a escrita em práticas sociais de oralidade e de letramento. Desse modo, temos como motivação descobrir como essa relação (trânsito por práticas sociais de oralidade e letramento e erros ortográficos) é evidenciada nas produções textuais infantis e de que maneira a escola e, mais especificamente, os professores de Língua Portuguesa lidam com o aparecimento desses equívocos.

É importante ressaltar que os erros, neste trabalho, são tidos como construtivos, ou seja, como afirmam Cunha e Miranda (2009, p. 129), “pode-se observar, através dos tipos de erros, quais hipóteses estão sendo testadas pela criança”. Nesse processo, “a criança tende a lançar mão do conhecimento internalizado que possui a respeito da estrutura da sua língua” (CUNHA; MIRANDA, 2009, p. 129) e as suas grafias trabalham com as possibilidades de registro da língua. O erro, portanto, é parte do processo de aquisição ortográfica.

Diante disso, nosso objetivo principal é compreender como o trânsito dos escreventes por práticas orais/faladas e letradas/escritas pode influenciar a escrita de seus enunciados. Logo, com base nos registros ortográficos não convencionais, analisamos as práticas escolares de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, enfatizando o desenvolvimento do letramento escolar.

Acreditamos que esta pesquisa é relevante, pois apresentará análises de textos reais produzidos por crianças em processo de aquisição ortográfica. Assim, permite que o professor possa conhecer algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos, o que possibilita a ele formular aulas voltadas para as reais necessidades do aluno. Buscamos, então, abrir caminhos para o trabalho do professor, para que possa pôr em prática atividades que visem indicar rotas preferenciais para que as crianças possam enfrentar os obstáculos com os quais se deparam em seu processo de aquisição ortográfica. Com isso, nosso propósito é apresentar resultados que possam contribuir para uma melhora no trabalho dos professores e, conseqüentemente, para uma melhora na formação dos alunos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O nosso corpus de pesquisa é composto por 63 produções textuais infantis, produzidas por alunos, entre 11 e 12 anos, de duas turmas de sexto ano do ensino fundamental de um colégio público da cidade de Maringá-PR. Esses textos foram coletados no ano de 2011, para compor a nota parcial da pesquisadora na disciplina de Linguística II do curso de Letras, da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação da Professora Dr.^a Cristiane Carneiro Capristano.

No dia 1º de abril de 2011, fomos ao colégio e aplicamos uma proposta de produção textual, a qual solicitava às crianças que assumissem a identidade de um personagem e elaborassem uma carta pessoal

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras, na Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR. E-mail: vivi_notari@hotmail.com.



direcionada ao Gênio da Lâmpada. Solicitamos que a estrutura da carta deveria conter: local e data; vocativo; conteúdo (propomos que esse tópico deveria englobar nome do personagem, idade, três pedidos, o porquê dos pedidos e o motivo pelo qual deveriam ser atendidos); despedidas e assinatura. No momento de execução da atividade, explicamos cada termo solicitado para que não restasse dúvida alguma para as crianças.

Nossa pesquisa tem caráter quanti e qualitativo, por apresentar um levantamento (em números absolutos e percentuais) dos dados e, em seguida, uma explicação teórica e analítica sobre os resultados obtidos. Para iniciar as análises, fizemos uma primeira leitura de todas as produções, buscando fazer um levantamento de todos os erros cometidos pelas crianças. Encontramos erros de diferentes espécies. Dentre os principais, observamos equívocos relacionados às segmentações e à grafia não convencional de consoantes. O primeiro caso refere-se à distribuição não convencional de espaços em branco que, no texto escrito, delimitam palavras, como em “poraqui” para “por aqui” (um caso de hipossegmentação, isto é, junção de palavras não prevista pela ortografia convencional).

As grafias relacionadas aos registros não convencionais de consoantes manifestaram-se em diferentes contextos, em especial na troca de letras, como: *p* por *b* (rebrotar); *ç* por *ss* (agradesso); *t* por *d* (trisode); *x* por *ch* (chingar); *z* por *s* (felis); *g* por *j* (jenio); *c* por *s* (sedo); *m* por *n* (lanpada), dentre outras.

Após esse levantamento, notamos que os erros que apareceram em maior quantidade nesses dados foram os relacionados à troca de *m* por *n*, ocupando uma posição de coda silábica. De acordo com Câmara Jr. (2004, p. 58), coda é uma possibilidade de travamento silábico que, em português brasileiro, pode ocorrer de por: *V/z/*, *V/r/*, *V/l/*, que desaparece com a vocalização do */l/* para */w/*, e *V/N/* (vogal travada por elemento nasal).

Como destacamos, a mais saliente nesta pesquisa foi a coda silábica nasal. De uma perspectiva fonética, sons nasais são aqueles produzidos com o véu palatino abaixado, permitindo a passagem de ar tanto pela cavidade oral quanto nasal (cf. SILVA, 2007, p.29). Já no campo fonológico, Campos (2011), baseada em Câmara Jr. (1970), alega que a vogal nasal é interpretada como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba (vogal oral seguida de arquifonema nasal).

Na escrita, a nasalidade pode ser marcada de diferentes maneiras: usando *m* ou *n* em final de sílaba (posição de coda), usando o dígrafo *nh*, usando o til ou por assimilação das vogais e consoantes nasais, anteriores ou posteriores (cf. MORAIS, 2003, p.30). Como vimos, o preenchimento da coda nasal só ocorre por meio de *m*, *n* e do diacrítico (~) – *romã*, por exemplo.

Em virtude desse resultado (maiores grafias não convencionais de coda silábica nasal), optamos por utilizar esses registros em nossas análises, com o intuito de caracterizar, qualitativa e quantitativamente, de perspectivas fonéticas e fonológicas, registros convencionais e não convencionais de coda silábica nasal, buscando comparar uma mesma palavra em diferentes registros, para, a partir de então, pensar as questões de ensino e aprendizagem ortográficas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio de uma análise minuciosa nas 63 produções textuais de nosso corpus, encontramos 278 palavras grafadas com coda silábica nasal, assim sintetizadas:

Quadro 1: Registros de coda silábica nasal

Palavras grafadas com coda nasal	Palavras grafadas com coda nasal convencional	Palavras grafadas com coda nasal não convencional
278	241 (87%)	37 (13%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos, no quadro 1, que a maioria das palavras que apresentaram coda silábica nasal foram grafadas de forma convencional (87%). Isso atesta a inserção das crianças em práticas de letramento, pois, como nos apresenta Chacon (2008), essas práticas (principalmente em contexto escolar) favorecem a percepção da coda e, conseqüentemente, seu registro. No entanto, 13% das ocorrências de coda nasal foram não convencionais, atestando que os alunos, apesar de estarem na sexta série do ensino fundamental, ainda oscilam muito no momento de registrá-la.

Gostaríamos de ressaltar que, para chegarmos aos números do quadro 1, consideramos todas as ocorrências de coda, mesmo que em palavras repetidas. No que diz respeito às codas nasais não convencionais, consideramos os dados de inserção da nasal (*pendindo*), de omissão da nasal (*home*), de troca de grafema vocálico por grafema consonantal (*condisan*), de troca do (~) por outro grafema nasal (*fan*) e de troca de grafema consonantal por outro também consonantal (*lanpada*). Temos, portanto, os seguintes dados:

Quadro 2: Grafias não convencionais das codas nasais



Ocorrências não convencionais	Inserção da nasal	Omissão da nasal	Troca vocálica por consonantal	Troca do (~)	Troca de n por m	Troca de m por n
37	2 (5%)	1 (3%)	1 (3%)	5 (13%)	2 (5%)	26 (70%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos, no quadro 2, algumas ocorrências especiais de grafias não convencionais da coda silábica nasal: das 37 ocorrências verificadas, 5% correspondem à inserção nas palavras *pendindo* e *lanpanda*; 3% correspondem à omissão da nasal, no corpus refere-se à palavra *home*; e 3% correspondem a troca do grafema vocálico pelo grafema consonantal, observado na palavra *condisan*. Consideramos esses dados como especiais, pois são ocorrências raras em nosso corpus e não são focos de nossa pesquisa.

Observamos, ainda, no quadro 2, os casos mais comuns de erros relacionados à coda nasal, ou seja, os casos mais recorrentes que foram registrados em maior quantidade em nosso corpus: ocorreram dois casos (5%) de troca do grafema *m* pelo *n*, nas palavras *espomja* e *bomzinho*; 13% das ocorrências não convencionais estão relacionadas à troca do (~) por outro grafema nasal, observadas nas palavras *fan* e *fans* (marca da percepção do escrevente de que *n* pode marcar nasalidade); o maior número de ocorrências não convencionais presentes em nosso corpus está relacionado à troca do grafema *m* pelo grafema *n*, correspondendo a 70% dos casos e localizados nas palavras *lâmpada*, *também*, *dizem*, *computador*, *sempre*, *comprar*, *limpo* e *homem*. Observamos, assim, os seguintes dados:

Quadro 3: Registros de “também”

Total de registros de “também”	Registros convencionais	Registros não convencionais
16	14 (87,5%)	2 (12,5%)

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 3 denota que a maioria das ocorrências de *também* se deram de forma convencional (87,5%) e que apenas dois registros (12,5%) marcaram a troca do *m* pelo *n*, tornando a grafia não convencional. Passemos, então, para a análise da troca do *m* pelo *n* nas demais palavras:

Quadro 4: Registros de “sempre”

Total de registros de “sempre”	Registros convencionais	Registros não convencionais
10	9 (90%)	1 (10%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5: Registros de “computador”

Total de registros de “computador”	Registros convencionais	Registros não convencionais
10	8 (80%)	2 (20%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6: Registros de “homem”

Total de registros de “homem”	Registros convencionais	Registros não convencionais
4	2 (50%)	2 (50%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos, no quadro 4, que dentre as dez ocorrências da palavra *sempre*, apenas uma apareceu de forma não convencional, sendo assim, 90% foram grafadas corretamente. Algo semelhante é observado no quadro 5, no qual, dentre os dez registros de *computador*, apenas dois (20%) se deram de forma não convencional. Poderíamos supor que esses dados seriam explicados pelo frequente contato dos alunos com a escrita, que os permite reconhecerem a grafia de determinadas palavras. O fato de essas palavras serem de uso recorrente também favorece o acerto. Já no quadro 6, observamos que apareceram em nosso corpus 4 registros de *homem*, dos quais dois foram convencionais e dois não convencionais. Dentre as duas ocorrências não convencionais,



uma ocorreu por omissão (*home* – fato que pode ser explicado por influência das práticas de oralidade, pois o aluno pode ter registrado a palavra como percebe sua fala, ou como ouviu alguém falar – sem a presença da coda), como já comentamos anteriormente, e a outra pela troca do m por n, marcando, mais uma vez, um erro ortográfico e uma percepção do aluno sobre os possíveis preenchimentos da coda silábica nasal.

As palavras *dizem*, *comprar* e *limpo* também apareceram grafadas de forma não convencional, como já observamos. Nós as consideramos em nossos dados no momento de analisar quantitativamente as palavras grafadas com coda nasal não convencional (quadro 1) e no momento de totalizar as trocas de m por n. No entanto, não daremos uma tabela exclusiva a elas pelos seguintes motivos: a palavra *dizem* ocorre apenas uma vez e de forma não convencional (*dizen*), não permitindo, assim, comparação; a palavra *comprar* aparece de forma não convencional (*conprar*) em apenas uma ocorrência, nas ocorrências em que aparecem de forma convencional, o verbo não se encontra no infinitivo (como no caso do erro), assim, a partir da perspectiva que escolhermos para análise (comparando um mesmo termo em diferentes grafias), ela não permitiria comparação; a palavra *limpo* apareceu duas vezes no corpus, uma de forma convencional e uma de forma não convencional (*linpo*), totalizando 50% para cada ocorrência, dado pouco relevante para nossas comparações.

Passemos, agora, para a quantificação da palavra *lâmpada*, dado muito recorrente em nosso corpus (pelo fato de nossa proposta ser uma carta direcionada ao Gênio da Lâmpada, induzindo os alunos a registrarem essa palavra) e que nos despertou grande interesse, pois, dos 26 registros não convencionais de troca de m por n que encontramos, 17 (65,3%) dizem respeito a essa palavra, enquanto 2 (7,6%) correspondem a *computador*, 1 (3,8%) a *dizem*, 1 (3,8%) a *limpo*, 2 (7,6%) a *também*, 1 (3,8%) a *sempre*, 1 (3,8%) a *comprar* e 1 (3,8%) a *homem*, o que notamos no gráfico a seguir:

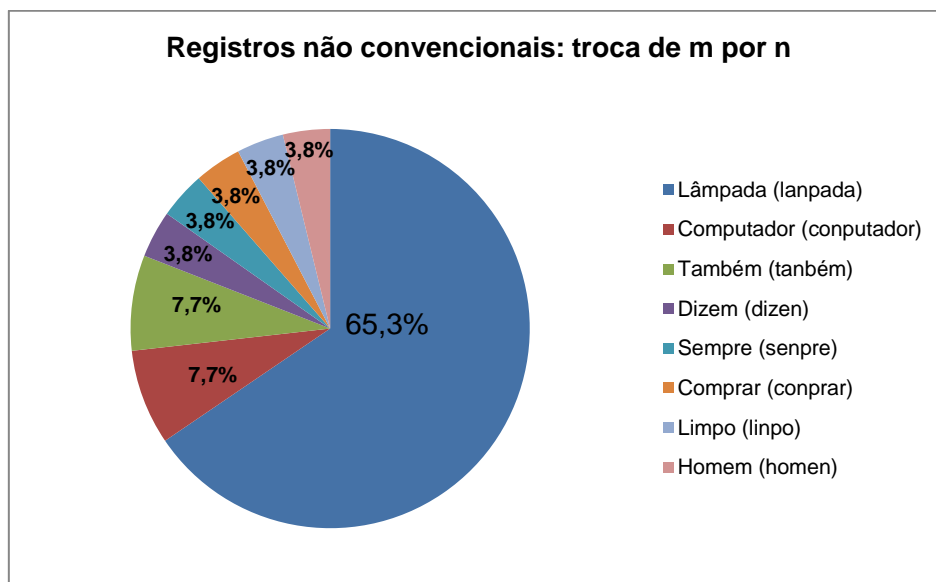


Gráfico 1: Registros não convencionais: troca de m por n
Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7: Registros de “lâmpada”

Total de registros de “lâmpada”	Registros convencionais	Registros não convencionais
53	36 (68%)	17 (32%)

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio do quadro 7, podemos observar que a palavra *lâmpada* foi registrada 53 vezes em nosso corpus, destas, 36 (68%) foram grafadas de forma convencional, enquanto 17 (32%) foram grafadas de forma não convencional, ou seja, a palavra *lâmpada* apareceu 17 vezes com o grafema n na posição de coda nasal medial, uma ocorrência possível (pois tanto o n quanto o m podem ocupar a posição de coda nasal), porém incorreta para as convenções ortográficas.

Uma possível explicação para essa recorrente troca do grafema m pelo n consiste no fato de serem consoantes muito semelhantes. De um ponto de vista fonético, distinguem-se apenas quanto ao lugar de articulação: m = nasal bilabial vozeada; n = nasal alveolar/dental vozeada. Já de um ponto de vista fonológico, ambas podem aparecer em contextos possíveis de registros de nasalidade: ambas podem ocorrer em posição não final de sílaba e em sílabas tônicas e átonas. No entanto, o m pode aparecer em final de sílaba e em sílabas seguidas de p e b, enquanto o n apresenta um contexto mais amplo (o que poderia explicar os frequentes erros), podendo aparecer em sílabas seguidas de diferentes consoantes (exceto p e b) (cf., CAMPOS, 2011, p.77).



Com esses resultados, é importante destacar que a maioria das ocorrências de coda silábica nasal se deu de forma convencional (87%). Em nosso corpus, encontramos, dentro das 278 ocorrências de coda nasal, apenas 37 (13%) grafias não convencionais. Esses dados atestam que, apesar de a coda nasal estar em posição de declive (com pouca intensificação de força, sendo menos audível que os demais constituintes silábicos), o constante contato com a escrita, por meio das diversas práticas de letramento, torna a sua ocorrência/grafia perceptível para os aprendizes da escrita formal.

Observamos que todos os preenchimentos da coda silábica nasal ocorreram por **m** ou **n** (grafemas possíveis para o registro da nasal), o que, mais uma vez, atesta a percepção dos sujeitos quanto ao registro da coda nasal e a influência do letramento, pois, quanto maior o contato com a escrita, maior será o reconhecimento e, conseqüentemente, o acerto da coda silábica nasal.

Podemos concluir, portanto, que práticas linguísticas e sociais de oralidade e letramento, assim como características fonéticas e fonológicas, influenciam os escreventes em seu processo de aquisição ortográfica. No caso de nossas análises, essa influência ocorre de maneira positiva, aumentando a percepção do aluno para o registro das codas silábicas nasais, que, apesar de registradas de forma não convencional em algumas ocorrências, foram marcadas em todos os dados analisados (salvo uma exceção). A partir dessas considerações, surgem questionamentos voltados para o ensino, ou seja, como os professores reagem a esses registros não convencionais? De que forma recebem e devolvem essas grafias? Passemos, então, a refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Como afirma Moraes (2003, p. 20), “dada a sua natureza de convenção social, o conhecimento ortográfico é algo que a criança não pode descobrir sozinha, sem ajuda”. Sendo assim, a partir das mudanças exigidas no sistema educacional, que deixa de lado o ensino quase que exclusivo da gramática normativa (cf. KLEIMAN, 2008; SOARES, 2010), é necessário repensar o ensino de Língua Portuguesa. Pensando em nossos resultados, destacamos que, ao receber redações com erros relacionados à coda silábica nasal, o professor deve não apenas grifá-los de vermelho ou escrever a forma correta ao lado/em cima. É fundamental fazer o aluno pensar sobre esse registro não convencional, para que ele, de fato, reconheça o erro e, em outra oportunidade, evite-o.

Antes disso, contudo, o próprio professor precisa compreender os motivos que podem ter levado àquele registro. No caso das ocorrências não convencionais de coda silábica nasal que evidenciamos, um primeiro fator que o professor deve considerar é a posição que a coda ocupa dentro da sílaba. De um ponto de vista fonético, como postula Campos (2011), ela se encontra em posição de declive, ou seja, em uma região com menor intensificação de força. Isso “pode tornar os segmentos que ocupam essa posição menos audíveis e perceptíveis” (CAMPOS, 2011, p.33), podendo, portanto, ocasionar uma omissão ou um erro em seu registro.

Já de uma perspectiva fonológica, Campos (2011) nos apresenta que a coda é uma ramificação de um constituinte silábico (a rima). A autora defende que essa posição não ocorre em todas as línguas e, nas línguas que ocorre, “existem fortes restrições quanto ao seu preenchimento” (CAMPOS, 2011, p.33). No caso das nasais, por exemplo, a coda, na escrita, como já apresentamos, só pode ser preenchida pelas letras *m*, *n* e pelo diacrítico (~), enquanto que, na fala, ela é representada pelo arquifonema /N/, o que dificulta a percepção do aluno.

Com base nisso, podemos notar que, para um trabalho satisfatório, o professor precisa considerar o erro como algo construtivo, que não ocorreu fortuitamente, mas que faz parte do processo de aquisição ortográfica. Desse modo, seu trabalho deve desenvolver o letramento do aluno e isso não se dá, apenas, com o ensino de nomenclaturas gramaticais. O professor precisa trazer textos de circulação real, que faça, de fato, sentido para os estudantes. Partindo disso, em um processo interacionista, mediar o conhecimento, abordando a gramática normativa, também, mas como uma das formas, a mais prestigiada.

Isso desloca, necessariamente, os objetivos do ensino da língua na direção da reflexão investigadora, da análise dos usos sociais da língua – escrita e falada, verbal e multimodal – e da aplicabilidade relevante do que se ensina, do que se aprende (ANTUNES, 2010, p. 52).

As aulas de Língua Portuguesa têm, portanto, a função de formar leitores e produtores de textos críticos, aptos a participarem das diferentes coerções sociais que envolvem o uso da escrita e da leitura. Nesse processo, o professor desempenha um papel fundamental, afinal, “é uma figura muito significativa para a elevação dos padrões de desenvolvimento da sociedade” (ANTUNES, 2010, p. 41). Assim, “o professor precisa ser visto (...) como alguém que, *com* os alunos (e não *para* os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende” (ANTUNES, 2003, p. 108, grifos do autor).

Nas aulas de Língua Portuguesa, portanto, para um resultado gratificante, além do que já foi apontado, é importante que o trabalho (a metodologia e os materiais) seja reformulado, considerando, em especial, como afirma Antunes (2003, p. 116), que “*um bom texto não é apenas um texto correto*” e que os erros, na maioria das ocorrências, estão dentro das possibilidades da língua.



4 CONCLUSÃO

O presente artigo teve o intuito de apresentar uma análise de enunciados de crianças do ensino fundamental, buscando compreender como os aprendizes da escrita formal lidam com o registro da coda silábica nasal. Observamos que características fonéticas e fonológicas marcam esses registros, tanto convencionais quanto não convencionais, e assinalam uma escrita heterogeneamente constituída (cf. CORRÊA, 2004), fruto da circulação dos alunos por práticas sociais de oralidade e letramento.

Por meio da análise dos resultados, podemos afirmar que essa influência ocorre de maneira assertiva, aumentando a apreensão do aluno em relação ao registro das codas silábicas nasais, que, apesar de registradas de forma não convencional em algumas ocorrências, foram marcadas em todos os dados analisados (com, apenas, uma exceção).

Com base nos resultados investigados, refletimos sobre o ensino de Língua materna, o qual precisa, mais do que formar, desenvolver um aluno crítico e reflexivo. Para isso, é fundamental reformular as práticas, pensando a língua a partir de seu funcionamento sócio-histórico e considerando o erro como parte do processo de aquisição ortográfica, como construtivo para a aprendizagem do aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. As estruturas da sílaba em português. In: _____. **Estrutura da língua portuguesa**, Petrópolis: Vozes, 2004. p. 53-61.

CAMPOS, Priscila Barbosa Borduqui. **Grafias não-convencionais da coda silábica nasal em dados de escrita de jovens e adultos em processo de alfabetização**. São José do Rio Preto: UNESP, 2011, 122 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2011.

CHACON, Lourenço. Para além de vínculos diretos entre características fonético segmentais e ortográficas na escrita infantil. **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.215-230, jan./jun. 2008.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A Hipo e a Hipersegmentação nos dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia. **Alfa**, 53 (1), p. 127-148. São Paulo, 2009.

KLEIMAN, Angela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 3, p. 487-517, set-dez. 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiros de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.